

UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO ÍNDIO COMO HERÓI NAS OBRAS “O GUARANI” DE JOSÉ DE ALENCAR E “GUERRA DA CABANAGEM - HERÓIS ESQUECIDOS” DE ADEMAR XICO GRUBER.

Márcia da Silva Miranda¹

Dilce Pio Nascimento²

RESUMO: Esta pesquisa tem como objeto de estudo comparar a figura do índio como herói nas obras “O Guarani” (1857) de José de Alencar e “Guerra da Cabanagem- Heróis esquecidos” (2007) de Ademar Xico Gruber, buscando investigar se a figura do índio como herói teve modificações em relação a sua representação na narrativa de Alencar do século XIX, e no romance contemporâneo de Gruber no século XXI. Realizando ainda, um estudo das características da época e a posição em face do colonizador europeu, como manifestações do nacionalismo. Nos quais a partir da análise possamos suscitar como cada autor construiu o índio como herói, notando as relações entre o Indianismo, atrelado a uma representação da nacionalidade em José de Alencar e da representação de um herói regional, em Ademar Xico Gruber. Para fundamentar esta pesquisa foram utilizados os seguintes teóricos: Barbosa (2008), Bergson (2006); Bosi (1992); Bosi (1977); Coutinho (2002), Coutinho (2008), Candido (1972), Candido (1997), Candido (1999), Chartier (2001), Chartier (2011); Faraco (2006); Freyre (1987); (Freitas (1986), (Picchio (2004); Sodré (2004); Sodré (1969), Santos (2009), Roncari (2002). Estes autores forneceram a base de conhecimento através de seus estudos para o enriquecimento das informações. O método de procedimento utilizado é o histórico, comparativo e monográfico. Quanto a tipologia, utilizaremos as técnicas de pesquisas documentação direta e indireta, através de pesquisa bibliográfica e pesquisa documental.

Palavras-Chaves: Análise comparativa; Índio; O Guarani; Heróis Esquecidos; História e ficção.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se desenvolve sob o prisma da Literatura Comparada, entre duas obras “O Guarani” de José de Alencar publicado em 1857, e “Guerra da Cabanagem- Heróis Esquecidos”, da autoria de Ademar Xico Gruber publicado em 2007.

Analisaremos as obras “O Guarani”, romance de características românticas, classificado como indianista e escrito por José de Alencar. A obra escrita em 1857, conta a história do índio guerreiro Peri, ambientada no Brasil no Brasil do século XIX. E “Guerra da Cabanagem- Heróis Esquecidos”, que é uma história de ficção baseada nos fatos e acontecimentos da Guerra da Cabanagem e em histórias dos índios Sateré-Maués, da reserva indígena do Rio Marau, Município de Maués, Estado do Amazonas, escrita por Ademar Xico Gruber, sendo que a sua essência literária consiste na história épica do

¹ Acadêmica do 8º Período de Letras do Núcleo Superior de Maués – NESMAU/UEA)

² Professora, MSc. Orientadora do Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP/UEA)

lendário tuxaua Manoel Marques, tratando-se assim, de uma obra que integram o ramo literário da contemporaneidade, por ter sido publicada no ano de dois mil e sete.

Deste modo, esta pesquisa possibilitará analisar a figura do índio engendrada com características nacionais de cada autor, tentando observar como cada um criou o seu herói nacional e regional. A pesquisa está pontuada nos seguintes itens: 1. Contextualização do Romantismo Brasileiro: 1.1 – Literatura, História e Memória; 1.2 - A Primeira Geração Romântica: O Indianismo; 2. Estudos Comparativo das Obras "O Guarani" de José de Alencar e "Guerra da Cabanagem – Heróis Esquecido" de Ademar Xico Gruber: 2.1 - O Índio no contexto literário na obra "O Guarani" de José de Alencar; 2.2 - A Representação do Índio na obra "Guerra da Cabanagem – Heróis Esquecidos"; 2.3 - Contrastes e Semelhanças em "O Guarani" e "Guerra da Cabanagem – Heróis Esquecidos.

Realizada uma revisão teórica sobre o indianismo no romantismo e na contemporaneidade, através de uma abordagem bibliográfica baseada em teóricos com conceitos que requer a temática. Além disso, pautamos a análise das obras "O Guarani" e "Guerra da Cabanagem - Heróis Esquecidos" por meio das discussões da Literatura Comparada.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ROMANTISMO BRASILEIRO

Neste item realizamos uma breve contextualização sobre o percurso da Literatura Brasileira, a sua origem e contexto histórico do Romantismo no Brasil, especificamente o movimento indianismo e seus principais percussores.

1.2 LITERATURA, HISTÓRIA E MEMÓRIA

A Literatura Brasileira faz parte significativa de um contexto cultural lusófono e distingue-se por muitas características peculiares. O crítico e sociólogo Antônio Candido (1972), constrói o seu conceito de literatura:

A arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural e social, e um elemento de manipulação técnica, e implicando em uma atitude de gratuidade (p.53).

Desta forma, para tratarmos deste assunto, abordaremos o estilo literário denominado Romantismo, que surgiu no século XVIII na Europa, obtendo seu apogeu no início do século XIX. O Romantismo aparece como um amplo movimento internacional, unificado pela prevalência de caracteres estilísticos comuns aos escritores do período. É, portanto, um estilo artístico – individual e de época.

De acordo com os fundamentos teóricos do autor Afrânio Coutinho (2002) em sua obra “A Literatura Brasileira, Era Romântica”, descreve que “a introdução do termo romântico e seus derivados, o fenômeno, em história literária e artística, hoje conhecido como Romantismo, ocorreu através de uma transformação estética e poética, desenvolvida em oposição à tradição neoclássica setecentista, e inspirada nos moldes medievais”. (p.5)

Entre a metade do século XVIII e a metade do século XIX, o movimento estético foi traduzido num estilo de vida e arte, que dominou a civilização ocidental nos respectivos séculos. No estudo do Romantismo, primeiramente, há que estabelecer a distinção entre o estado de alma romântico e o movimento ou escola do âmbito universal que o viveu entre os meados do século XVIII e do século XIX.

Coutinho, distingue que:

O estado de alma ou temperamento romântico é uma constante universal, oposta à atitude clássica, por meio das quais a humanidade exprime sua artística apreensão do real. Enquanto o temperamento clássico se caracteriza pelo aprimorado da razão, do decoro, da contenção, o romântico é exaltado, entusiasta, colorido, emocional e apaixonado. Ao contrário do clássico que é absolutista, o romântico é relativista, buscando satisfação na natureza, no regional, no pitoresco, selvagem, e procurando, pela imaginação, escapar do mundo real para um passado remoto ou para lugares distantes ou fantasiosos. (2002, p. 7).

Com isso, o movimento romântico foi caracterizado por um conjunto de novas ideias, temas literários e tipos de sensibilidades resultantes de correntes que convergiam paralelamente da Alemanha e da Inglaterra, no decorrer do século XVIII, durante o período definido como sendo o Pré-modernismo.

De acordo, com Coutinho (2002), para compreender e definir o Romantismo como movimento histórico, “é preciso renunciar críticos e historiadores, e procurar caracterizá-lo antes como um conjunto de traços, uma constelação de qualidades, cuja presença, em número suficiente, o torna distinto em oposição ao clássico ou ao realista.” (p.8)

O Romantismo no Brasil, assumiu um feitiço particular, com características exclusivas e traços próprios, ao lado de elementos gerais, que o mantem relacionado com o movimento europeu. A valorização da história e do passado nacional constituiu uma das mais importantes atividades durante o período do Romantismo.

O movimento literário estabeleceu o sentimento de nacionalismo no Brasil, a estética que ocorreu concomitantemente com a independência do País. Sendo assim, podemos afirmar que o marco inicial de uma literatura genuinamente brasileira se deu início no século XIX. O crítico literário Antônio Cândido ressalta que:

A literatura brasileira, como as de outros países do Novo Mundo, resulta desse processo de imposição, ao longo do qual a expressão literária foi se tornando cada vez mais ajustada a uma realidade social e cultural que aos poucos definia a sua particularidade (1999, p. 12).

Coutinho (2002) destaca que a partir da publicação da obra poética “Suspiros poéticos e saudades” de Gonçalves de Magalhães, em 1836, foi instituído de forma consciente o Romantismo no Brasil, marcando uma difusão de matérias dos ideais românticos (p. 58).

Gonçalves de Magalhães (1811-1882), introduziu os principais temas da poesia romântica no Brasil, como Deus e a Natureza, a poesia de sentimento religioso e guiada pela filosofia espiritualista. Magalhães, foi grandemente favorecido pela oportunidade, e pelo momento histórico, antecedentes, que exigia uma posição coordenada e centralizada como a figura de um transformador. Através da visão que deveria ser estimuladora, do ponto de vista crítico, para afirmar a consciência da reforma.

É notório reconhecermos que, Domingos José Gonçalves de Magalhães possui um grande valor na história literária brasileira, através da sua atitude crítica consciente, o esforço constante, sendo louvável em todos os aspectos, em realizar a reforma romântica e nacionalista em nossas letras.

O Romantismo teve três gerações no País, as quais podemos citar, como sendo a Primeira Geração conhecida como Indianista, na qual o índio era o principal personagem. A Segunda Geração, conhecida como ultrarromântica; a Terceira fase, conhecida como condoreira, tratava de temas com preocupações sociais. A primeira geração romântica, a qual será base para esta pesquisa, preocupou-se em retratar a figura do índio como representante de valores nacionais, ainda nascentes naquela época.

A História, de acordo com Freitas (1986), retrata uma época, em que retoma um momento vivido pela sociedade, e manter certos acontecimentos marcados na memória

da humanidade. Através de obras que narram histórias contadas de geração em geração por meio de poemas épicos, em que relatam feitos heroicos, como por exemplo a história de Ilíada e Odisseia de Homero.

Inicialmente, a Literatura, tem como objetivo principal conservar a história de antepassados, através de relatos que representam as guerras e as batalhas, vitórias e romances, que contribuem para a construção da identidade de um povo.

Resgatar e manter viva a identidade ou memória de um povo é também uma prática da História. Freitas assinala que,

Com muita frequência, os escritores buscam no acontecimento histórico um meio de representar a uma realidade, de retratar uma época e uma sociedade, de “fixar” momentos de importância universal, de descobrir os mistérios por trás de uma trama de acontecimentos (1986, p. 3)

A autora refere-se que a história abarca uma série de acontecimentos que buscam ser transmitidos através dos livros, representando épocas como meio de não serem esquecidas no decorrer do tempo. Muitos escritores utilizam a ficção como meio de representar fatos ocorridos, baseando-se em fatos, porém deixando de serem fiéis a sua transitória. Essa construção histórica predominou durante os séculos XVII e principalmente XIX, momento em que a história passa a ser produzida pelos escritores.

Segundo Chartier (2001), essas narrativas normalmente são produzidas por pessoas que, baseadas em preceitos pessoais, acreditam que isto é pertinente; e o fato de serem motivadas por uma razão pessoal ou ideológica.

No ponto de vista de Chartier (2001) a História é científica à medida que é capaz de “estabelecer um conjunto de regras que permitam operações proporcionadas para a produção de objetos determinados.” (CHARTIER, 2001, p.170). Assegura-se que não é função da história manter reivindicações, que levam a prática intensamente das subjetividades e desejos humanos. De acordo com suas palavras:

Estamos frente a uma das grandes tensões do mundo contemporâneo: a afirmação, absolutamente legítima, por parte de indivíduos ou comunidades, de sua identidade, e por outro lado, a necessidade de se manter uma distância em relação à história e memória produzida por estas identidades. De maneira que devemos manter este estatuto científico, pois só mediante esta perspectiva a história pode ser considerada como uma disciplina crítica, capaz de revelar os mitos ou, no pior dos casos, as falsificações (CHARTIER, 2001, p.170)

Notadamente, partimos de uma apreensão em que os fatos relacionados as narrativas historiográficas, possuíram um caráter subjetivo, podendo de tal maneira perder o seu cunho científico. Embora a propositura através de uma tendência não é apenas mostrar que a história é uma crítica, mas busca reflexões de assuntos de cunho de conhecimento.

Chartier (2011), assevera que “a história não pode ignorar os esforços que trataram ou tratam, de fazer desaparecer não apenas as vítimas, mas também a possibilidade de que suas existências sejam lembradas (p. 125).

Preocupar-se com as vítimas dos processos históricos, baseiam-se em uma história que nunca pode ser esquecida, através de uma questão acolhedora nas memórias das vítimas.

Baseando-se em uma discussão que toma como ponto de questão a literatura como fonte de informação histórica. Menciona-se da literatura de folhetins nordestina, especificamente, como sendo um subgênero de produção, chamada através dos poetas e por seu público de “folhetim de acontecimentos”.

No final do século XIX, a literatura de folhetos tornou-se conhecida como uma produção, tendo início, resumidamente, no Nordeste brasileiro. No campo literário a distinção de romances e os folhetos de acontecimentos, indicavam um desejo de separação entre a ficção e a realidade.

A arte da palavra, tanto a história como a literatura se baseiam na memória, sendo individual ou coletiva de um povo. O autor Roger Chartier (2011), trata em seu livro “A força das representações: história e ficção”, na segunda parte sobre “O passado no presente. Ficção, história e memória” dedica-se a realizar uma reflexão através de diversas formas de relação com o passado que o tornam contemporâneo do presente (p. 95).

A construção do passado pelas obras literárias, exclusivamente teatrais; em seguida a presença do passado da própria literatura em cada momento presente da escrita literária, e, finalmente, a concorrência entre as representações do passado produzidas pela ficção narrativa.

Afrânio Coutinho (2008), corrobora que a literatura “um fenômeno estético. É uma arte, a arte da palavra. Não visa informar, ensinar, doutrinar, pregar e documentar. Acidentalmente, secundariamente, ela pode fazer isso, pode conter história, filosofia, ciência, religião”. (p.23)

Deste modo, o leitor viaja no tempo e no espaço, dialoga com homens e culturas de séculos distantes e conhece fatos que precederam o momento em que vive. A literatura, então, utiliza a linguagem como recurso para apropriar-se do real, e pode nutrir-se da história, retirando desta, eventos que garantam a sua verossimilhança.

Acerca disso, Coutinho afirma que:

É verdade que a literatura parte dos fatos da vida ou os contém. Mas esses fatos não existem nela como tais, mas simplesmente como ponto de partida. A literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas que são os gêneros e com os quais ela toma corpo e nova realidade. (2008, p.24)

Os elementos criativos que enfatizam as narrativas históricas buscam através de seus elementos conceituar a história não necessariamente um modo a ser considerado único e absoluto e verdadeiro.

O estudo sobre a memória possui uma multiplicidade de vozes. Para Bergson (2006), a memória é um fenômeno que responde pela reelaboração do passado no presente, “ela prolonga o passado no presente” (p.247), e “é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensórios-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere a vida” (BERGSON, 2006, p. 179). O conhecimento histórico e a literatura, também, se relacionam com as memórias, tanto individuais quanto coletivas.

A memória é um espelho que se reflete as imagens e cenas pelo tempo que compõem o passado de um povo ou civilização. A partir dessa concepção, tanto a história quanto a literatura contribuem para a reflexão sobre o passado e preservação da cultura histórica.

1.2.1 A PRIMEIRA GERAÇÃO ROMÂNTICA: O INDIANISMO.

O Indianismo nasceu de um nacionalismo em busca de identidade própria e encontrou no índio o elemento de suas criações, representando tudo de bom que o Brasil possuía naquela época.

Sodré, frisa que:

O indianismo não era apenas uma saída natural e espontânea para o nosso Romantismo. Era mais do que isso, alguma coisa profundamente nossa, em

contraposição a tudo que, em vós era estrangeiro, era estranho, viera de outras fontes (2004, p. 321).

De acordo, com a concepção do autor, o movimento indianismo surge das próprias raízes da nacionalidade, tornando-se um apogeu para que seja atingido o máximo durante o Romantismo e, conseqüentemente, transformando-se em outros movimentos direcionados, como o sertanismo, o caboclismo, o regionalismo, até reaparecer mais tarde sob a égide do Modernismo.

Considerando que o índio, primeiro habitante e proprietário da terra, seria o que melhor representaria o brasileiro típico. Dessa forma, a Literatura incorpora a figura do índio como sendo o representante legítimo de uma nova civilização.

O índio representa a independência estética do romantismo brasileiro, é a peça-chave do nacionalismo. Na primeira fase do Romantismo, a representação do índio possui algumas peculiaridades significativas que caracterizavam esse período literário. Naquela época a inserção da temática indígena estava presente nos textos como forma de manter a identidade brasileira.

Afrânio Coutinho (2002), em seus estudos voltados a tendência indianista no Brasil, refere-se a este tema como sendo “a fórmula para dar expressão literária à nacionalidade e à originalidade da literatura brasileira, o pensamento literário do Romantismo foi levado à ideia do Indianismo” (p. 330).

Em seus estudos sobre a História da Literatura Brasileira, a escritora Luciana Stegagno-Picchio (2004), discorre sobre os temas que perpetuam o cenário da literatura brasileira, como sendo: o índio, o negro, a cana-de-açúcar, a seca, o sertão, a Amazônia, a Bahia e o Arranha-céu. Esses temas caracterizam a literatura brasileira, inicialmente, os temas histórico-folclórico e histórico-sociais.

A figura do índio foi escolhida para exaltar aspectos nacionais. Esta geração é caracterizada pela busca de temas nacionais, pelos fatos que emergem ao Brasil ter conquistado a independência e precisava buscar as suas bases culturais, que os diferenciariam dos portugueses. Então, nesse período, veem na figura do índio o que procuravam para dar início a uma literatura propriamente brasileira.

Acerca disso, Barbosa destaca que:

Utópicos, os primeiros românticos brasileiros buscam no nativismo da literatura anterior a independência, no elogio da terra e do homem primitivo brasileiro, os pilares sobre os quais se haveria de criar a identidade de uma nova nação. Inspirados em Montaigne e Rousseau, idealizava, os índios

brasileiros como bens selvagens, cujos valores heroicos tornam como paradigmas da formação do povo brasileiro (2008, p. 98).

Observa-se que o autor destaca a figura do nativo como sendo a representatividade da criação da nação brasileira, uma vez que o país acabava de passar por um processo de independência política. Bosi (1977), em seu livro *História Concisa da Literatura Brasileira*, afirma que:

O índio, fonte da nobreza nacional, seria em princípio, o análogo do “bárbaro”, que se impusera no Medievo e construía o mundo feudal: eis a tese que vincula o passadista da América ao da Europa. O Romantismo refez à sua semelhança a imagem da Idade Média, conferindo-lhe caracteres “romanescos” de que se nutriu largamente à fantasia de poetas, narradores e eruditos durante quase meio século (p. 100).

Os românticos delegavam ao índio a representação das qualidades ancestrais da etnia. A contribuição indígena chegava apenas tardiamente, sob forma de recuperação folclórica. Assim como recuperavam o índio, os românticos distinguiam sinais da brasilidade na literatura parenética dos jesuítas, nos poematos encomiásticos dos escritos barrocos, nas inquietudes dos árcades mineiros.

Conforme aponta Sodré (1969), os românticos viam “no índio o homem bom por natureza, bom por origem, dotado da bondade natural”, uma forma para institucionalizar o elemento local” (p. 257).

Mesmo heroicizado romanticamente, com a marca impressa da valentia, estava sempre sob os olhares determinante do colonizador, o que representava a tácita aceitação da ideia de que indianismo, de fato, tenha sido o movimento literário de intencional valorização da figura do índio, programaticamente alçado ao primeiro plano.

Sendo assim, não possuía a validade da natureza pura, pois sua valentia fora herdada da influência medieval, que o colonizador inseriu no contexto e o escritor tomou para si. Diante disso, a literatura, formulada a partir desse postulado reafirma o estereótipo do valente guerreiro, como interpreta Roncari (2002), “o homem natural, puro, ainda não corrompido pelos maus costumes da civilização” (p. 290).

Escritores do período trabalhavam temas baseados na natureza, no sentimentalismo, na religiosidade, no ufanismo e no nacionalismo. Segundo Holanda (1995) esse pensamento era uma forma de “traduzir para termos nacionais a temática da Idade Média” (p.56).

A tradição indianista ganhou uma grande dimensão, expressões dadas através dos livros *Uruguai* (1761), de Basílio da Gama, e *Caramuru* (1781), de Santa Rita Durão. Com isso, o indianismo torna-se tendência em linha constante na literatura brasileira, com um contexto em poesia e ficção.

Os percussores desta temática foram José de Alencar, através da prosa, e Gonçalves Dias, na poesia. Em meados do século XIX, Gonçalves Dias (1823-1864), surge na primeira fase do Romantismo, como poeta do Indianismo, feição original que o caracteriza. Os escritores reservaram-se ao índio virtudes convencionais de antigos fidalgos e cavaleiros, construindo assim uma literatura essencialmente brasileira, alicerçada no indígena como herói e na natureza exuberante, produziu uma realidade artificiosa.

É na poesia de Gonçalves Dias que o indianismo se reveste de expressão, valorizando o índio paralelamente à tradução da realidade do país, sendo um dos defensores da causa nacionalista, e criando em sua poesia a autenticidade de que a primeira geração romântica necessitava.

Sua poesia foi reconhecida como acontecimento decisivo no momento romântico-indianista, pois, segundo Candido (1997), “a partir dos Primeiros cantos, o que antes era tema – saudade, melancolia, natureza, índio - se tornou algo novo e fascinante, graças à superioridade da inspiração e dos recursos formais” (p.72).

Como afirma Santos (2009), “o termo indianismo alcançou o seu apogeu num complexo movimento que reuniu, ao mesmo tempo os aspectos históricos e culturais à tentativa de libertação das formas cristalizadas nos movimentos literários anteriores, em especial as do racionalismo clássico” (p.20).

Com a atuação do autor José de Alencar, como romancista, após o estágio de folhetinista que exerceu, é que o tema desperta a devida atenção. Isso se deve, em parte, porque o romance alencariano atendeu aos anseios exigidos pela sociedade da época, tornando-se um instrumento de consolidação do indianismo.

José de Alencar (1829-1877) e Gonçalves Dias (1823-1864), é em respeito a essas condições positivas que se caracteriza a representação romântica do índio como verdadeiramente indianista.

Dessa forma, esta geração é caracterizada pela busca de temas nacionais, uma vez que o Brasil havia conquistado a sua independência e precisava buscar nas suas riquezas elementos que o diferenciaria dos portugueses. Neste período romanesco no Brasil pode ser observado o rendimento de grandes produções na poesia e na prosa.

2. ESTUDOS COMPARATIVO DAS OBRAS "O GUARANI" DE JOSÉ DE ALENCAR E "GUERRA DA CABANAGEM-HEROIS ESQUECIDOS" DE ADEMAR XICO GRUBER.

A partir deste item, adentramos com o intuito de analisarmos as duas obras, com base na Literatura Comparada. Com o foco voltado para os fatos convergentes e divergentes nestas tramas, seus personagens e todo o conjunto histórico e ficção que envolvem os romances.

A Literatura Comparada designa uma forma de investigação literária que confronta duas ou mais literaturas. Neste enfoque existe um denso trabalho quando se trata em examinar as migrações de temas, buscando referências de fontes e sinais de influências, encontramos outros que comparam obras pertencentes a um mesmo sistema literário ou investigam processos de estruturação das obras.

Segundo Tânia Carvalhal, sobre a Literatura Comparada, diz que:

O sentido da expressão "literatura comparada" complica-se ainda mais ao constatarmos que não existe apenas uma orientação a ser seguida, que, por vezes, e adotado um certo ecletismo metodológico. Em estudos mais recentes, vemos que o método (ou métodos) não antecede a análise, como algo previamente fabricado, mas dela decorre. Aos poucos torna-se mais claro que literatura comparada não pode ser entendida apenas como sinônimo de "comparação" (2006, p. 07).

A presente pesquisa de cunho qualitativo tendo a finalidade de analisar o modo como cada autor construiu o índio como imagem do herói, notar as relações entre o Indianismo, atrelado a uma representação da nacionalidade, em José de Alencar e da representação do índio como herói regional, em Ademar Xico Gruber.

Partindo desse pressuposto iniciamos a análise bibliográfica de obras de teóricos sobre a temática, bem como documental que explique sobre a identificação dos fatores que contribuíram para as diferenças e semelhanças constantes nos romances. Para execução desta pesquisa, o método de procedimento utilizado é o histórico, comparativo e monográfico. As técnicas de pesquisas basearam-se em dois tipos de procedimentos: documentação indireta e direta.

No decorrer das análises é possível observar que Alencar aproxima o personagem Peri, do colonizador, em razão do contato contínuo entre ambos. Enquanto Gruber, destaca o índio com a conduta de honra e seus costumes, em face a um tempo de luta, mantendo uma aproximação mais real do nativo da época.

2.1 O ÍNDIO NO CONTEXTO LITERÁRIO DA OBRA “O GUARANI” DE JOSÉ DE ALENCAR.

“O Guarani” romance escrito em 1857, é o primeiro da trilogia indianista de José de Alencar (1829-1877), está dividido em quatro partes tituladas, com cinquenta e oito capítulos e trezentas e trinta e seis páginas. Esta obra enquadra-se na primeira fase do romantismo, a qual é conhecida como Indianismo.

A trama tem fundamentos históricos. Ambientada no Brasil colonial do início do século XVII, num castelo rústico às margens do rio Paquequer, onde o nobre português D. Antônio de Mariz estabeleceu o seu orgulhoso feudo ultramarino para não se dobrar ao jugo castelhano de Felipe II.

“O Guarani” provém da idealização de todos os componentes construtivos, onde a própria característica dos elementos da natureza, rios, florestas, corresponde à escolha de um nível estilístico. Nesse sentido o rio Paquequer funciona na estrutura da narrativa em harmonia com o índio Peri, como símbolo, ou melhor, signo, de liberdade:

Aí, o Paquequer lançar-se rápido sobre o seu leito, e atravessa as florestas como tapir, espumando, deixando o pelo esparso pelas pontas de rochedo e enchendo a solidão como o estampido de sua carreira. De repente, falta-lhe o espaço, foge-lhe a terra; o soberbo rio recua um momento para concentrar as suas forças e precipita-se de um só arremesso, como o tigre sobre a presa. (ALENCAR, 2009, p. 14)

É notório que Alencar, mantém a presença da natureza em seu romance, é constante e marcante na obra do autor. Ao comentar essa faceta na obra alencariana, Gilberto Freyre, enfatiza que:

Seu paisagismo, seu naturalismo, seu indianismo parece representar todo esse esforço socialmente crítico e romanticamente reformador da sociedade e não apenas literariamente romântico. Esforço só, não; na verdade quase um sistema no sentido de resolver o brasileiro as complicações do social, voltando ou regressando, quanto possível ao natural; ou avançado para um social mais próximo do natural. (1987, p.05)

Para o autor, esse paisagismo é sobretudo uma crítica social indireta a todo o sistema socioeconômico, referindo-se ao patriarcal e escravocrata das casas-grandes e dos sobrados.

A relação com a história é notada através dos fatos e personagens que o autor insere no romance, a figura de D. Antônio de Mariz, fidalgo português de cota d'armas e

um dos fundadores da cidade do Rio de Janeiro, é um personagem histórico, referindo ao seu passado, antes da época em que começa o romance:

Ele mantinha, como todos os capitães de descobertas daqueles tempos coloniais, uma banda de aventureiros que lhe serviam as suas explorações e correrias pelo interior; eram homens ousados, destemidos, reunindo ao mesmo tempo aos recursos do homem civilizado a astúcia e agilidade do índio de quem haviam aprendido; eram uma espécie de guerrilheiros, soldados e selvagens ao mesmo tempo (ALENCAR, 2009, p.19).

Comparado ao cavaleiro medieval, D. Antônio de Mariz é também o senhor feudal, tratando os seus empregados como vassallos, como sendo aventureiros, práticas feitas pelos homens daqueles tempos coloniais. O narrador, ao apresentar o fidalgo D. Antônio Mariz, recua até à fundação da cidade do Rio de Janeiro, em 1567, por Mem de Sá.

Sendo assim encontra elementos que retratam em seu romance uma epopeia, por destacar ações e feitos memoráveis de momento histórico. Bosi (1992), destaca que no século XIX, ocorria uma ruptura na América Latina, em que o processo de independência se iniciava:

O corte nação/colônia, novo/antigo exigia, na moldagem das identidades, a articulação de um eixo: de um lado, o polo brasileiro, que enfim levantava a cabeça e dizia o seu nome, de outro: o polo português, que resistia a perda do seu melhor quinhão (p. 177, grifo do autor).

Nesse processo, surge o índio alencariano ocupando um lugar no imaginário pós-colonial. É detalhista em suas descrições e valoriza os traços do índio, acentuando-os, como podemos observar nesse trecho onde o autor destaca as características de seu personagem Peri, “uma simples túnica de algodão, a que os indígenas chamavam aimará, apertada à cintura por uma faixa de penas escarlates, caía-lhe dos ombros até ao meio da perna, e desenhava o talhe delgado e esbelto como um junco selvagem” (ALENCAR, 2009, p. 27).

O indígena e a paisagem apresentam um caminho de independência literária aos nossos românticos, o qual se concretizou por meio da possibilidade de nacionalização desses dois temas. Diante disso, Martins ressalta que:

Percebendo o ambiente natural como fator de diferenciação de uma sociedade e de suas manifestações culturais, poetas e romancistas passaram a encarar a nacionalização dos temas e da linguagem como via preferencial para assegurar a nossa independência literária, entregando-se então, à pesquisa dos elementos reputados como genuinamente nacionais: a natureza, o índio, os costumes e as tradições das comunidades do interior do país (2001, p.98)

A ideologia romântico medieval que embasa a narrativa de “O Guarani” toma a composição piramidal da sociedade, dividida em: senhor e servos, em suserano e vassallos, e em soberano e súdito.

Alencar (1987), aproxima o seu personagem do colonizador através de um convívio de dedicação, é possível evidenciar a serventia e idolatria de Peri por Cecília:

Em Peri o sentimento era uma espécie de idolatria fanática, na qual não entrava um pensamento de egoísmo; amava Cecília não para sentir um prazer ou ter uma satisfação, mas para dedicar-se inteiramente à ela, para cumprir o menor de seus desejos, para evitar que a moça tivesse um pensamento que não fosse imediatamente uma realidade. (ALENCAR, 2009, p.53).

Segundo Bosi (1992) “o mito alencariano reúne, sob a imagem comum do herói, o *colonizador*, tido como generoso feudatário, e o *colonizador*, visto, ao mesmo tempo, como súdito fiel e bom selvagem” (p. 180, grifo do autor).

José de Alencar, modifica através de suas idealizações o heroísmo de Peri, abusando da ficção em moldar uma verossimilhança na luta contra os Aimorés contra a família de D. Antônio. Destacando que o nativo venceria sozinho o combate com a tribo:

O índio sorriu com orgulho.
— Sejam mil; Peri vencerá a todos, aos índios e aos brancos.
Ele pronunciou estas palavras com a expressão de naturalidade e ao mesmo tempo de firmeza que dá a consciência da força e do poder.
Contudo Cecília não podia acreditar o que ouvia; parecia-lhe inconcebível que um homem só, embora tivesse a dedicação e o heroísmo do índio, pudesse vencer não só os aventureiros revoltados, como os duzentos guerreiros Aimorés que assaltavam a casa. (ALENCAR, 2009, p.215)

Em sua prosa romântica não se fala das condições do índio e nem da violência do colonizador para com os indígenas. Alencar, faz uma dedicação de Peri ao amor por Cecília, impõem ao seu personagem muito mais que coragem, acrescenta a Peri em ser sereno e altivo, recebia com um soberbo desdém a ameaça e o insulto, e sentia um certo orgulho pensando que no meio de todos aqueles guerreiros fortes e armados, ele, o prisioneiro, o inimigo que ia ser sacrificado, era o verdadeiro, o único vencedor.

2.2 A REPRESENTAÇÃO DO ÍNDIO NA OBRA “GUERRA DA CABANAGEM - HERÓIS ESQUECIDOS” DE ADEMAR XICO GRUBER.

A obra “Guerra da Cabanagem – Heróis Esquecidos”, constitui uma narrativa em cinquenta e três capítulos, distribuídos em três partes, possui cento e oitenta e seis páginas, da autoria de Ademar Xico Gruber.

O autor, sutilmente, descreve detalhes que reportam o leitor à época dos acontecimentos, através do tempo, espaço e personagens com características definidas, vozes e estilos adequados. É uma história de ficção, baseada nos fatos e acontecimentos da Guerra da Cabanagem e em história dos índios Sateré-Maués.

Segundo o autor, pode haver semelhanças com a historiografia existente, as datas e acontecimentos cronológicos são os reais registrados, as descrições destes acontecimentos são de livre inspiração do autor, apesar de baseados nas histórias, lendas e mitos da região.

Gruber (2007), intercala-se ora historiador, ora romancista. Surpreende como romancista, mostrando-se promissor e uma agradável revelação, que podemos ver no seguinte trecho:

O remo toca a água escura silenciosamente. Vultos cansados espreitam sobre as bordas laterais das canoas. Um cachorro late na margem. Alguém tosse no silêncio da noite. Temeroso o remador levanta o remo. Este movimento faz com que as respirações fiquem suspensas. Nenhum som se escuta, apenas o vento chacoalha a palha que cobre a parte frontal das canoas (GRUBER, 2007, p. 4)

Neste sentido, o romancista penetra num mundo concreto, que busca retratar a realidade de um mundo familiar, a crença na imaginação envolve os poetas a uma extraordinária capacidade de criar mundos imaginários, acreditando por outro lado na realidade deles. Como podemos observar no trecho a seguir:

Seu modo de vida começava muito cedo, no cantar dos galos, desciam ao rio, inalavam água com pimenta e tomavam banho batendo na água, voltavam para suas cabanas, comiam alguma coisa e iam cuidar de seus afazeres (roça, caça e pesca)”. Depois do meio dia, começavam a voltar e todos estavam de regresso até as três horas da tarde. Então, depois deste horário, ajuntavam-se e comiam. (GRUBER, 2007, p. 9-10)

Os relatos históricos estão presentes na narrativa, tratando de episódios relevantes do imaginário amazônico e local, onde o autor dessa crônica, relata sobre um povo. O autor utiliza de aspectos informativos que podem ser notados na seguinte passagem:

Ao amanhecer, perto do repartimento (Encontro das águas do rio Urupadi com as do Rio Parauari, ambas se reparam numa grande baía que na época da cheia tem o diâmetro de vários quilômetros), por indicação de Cirilo, entram no

Igarapé do Paricá que junto com o Igarapé do Pedreiro são afluentes paralelos do Rio Urupadi (GRUBER, 2007, p. 5)

Nota-se que o autor se refere aos locais pertencentes ao município de Maués, onde é ambientada à época dos fatos. As explicações são dadas através de parênteses, que facilitam ao leitor a compreensão de determinados lugares. Sendo assim, a descrição para que os pontos de ligação entre história e ficção possam ser facilmente entendidos.

Dentro dessa narrativa o leitor é conduzido aos caminhos da natureza, guiado por rios e igarapés, que são frequentemente descritos. Dessa forma, o leitor conhecerá Manuel Marques – o tuxaua dos tuxauas, apontado pelo autor como um dos líderes da tribo Sateré. É o guerreiro que lidera os combates travados contra os brancos portugueses.

Manoel foi o escolhido e lá já se iam seis luas, contava com vinte e seis anos, mas aparentava bem mais, apesar de apresentar um corpo musculoso, olhos vivos e escuros, cabelo cortado em forma de cuia, corpo cheio de cicatrizes e o rosto cortado por uma delas, que ia da testa até a boca, e que parecia deixá-lo com o olho esquerdo sempre aberto e vigilante e nos lábios parecia ter sempre um sorriso maroto. Apesar disto era um homem bonito que se destacava. (GRUBER, 2007, p.11)

Faraco (2006) destaca o personagem como sendo membro de um evento histórico, “Manuel Marques, tuxaua dos Maués, às sugestões de que planejavam a escravidão da tribo, deu o grito de guerra apoderando-se da missão” (p. 38). A figura de Manuel Marques, é colocada como sendo o líder de uma etnia.

Gruber (2007) descreve o lendário Manuel Marques, como líder da tribo, a quem atribui qualidades de um guerreiro:

O seu porte e seu modo de agir, justificavam ser o mais novo Tuxaua Geral dos Maués, por ser da descendência do clã Sateré. (Desde tempos imemoriais, o Tuxaua é sempre escolhido entre os guerreiros do Clã Sateré). Com a morte do Pai em uma das guerras com outras tribos, Manoel foi o escolhido e lá já se iam seis luas, contava com vinte e seis anos, mas aparentava bem mais, apesar de apresentar um corpo musculoso, olhos vivos e escuros, cabelo cortado em forma de cuia, corpo cheio de cicatrizes e o rosto cortado por uma delas, que ia da testa até a boca, e que parecia deixá-lo com o olho esquerdo sempre aberto e vigilante e nos lábios parecia ter sempre um sorriso maroto. (p.11)

Está centrado como ponto central no romance de Gruber, a história dos cabanos marcada pela Guerra da Cabanagem. Faraco (2006) descreve como sendo “uma rebelião armada, que consistia na reivindicação da autonomia política do Amazonas sob jugo do Pará e participação política do caboclo na vida política da Província.” (p.43). Ademar Gruber (2007) conceitua como sendo:

A Cabanagem, espalhada por quase todos os rios amazônicos, contava com a participação de muitos indígenas, principalmente com os Mawé (Maués) e os Mura. Em toda parte o povo invadiu armazéns, expulsou os portugueses e tomou as suas armas. Um dos grandes líderes cabanos da região do baixo Madeira foi o cacique Mawé (Maués) Leão Crispim. (p. 17)

Notamos que na narrativa está presente fatores entre a realidade e a ficção que buscam retratar fortes acontecimentos, a presença do Tuxaua como sendo um líder e que conduzirá todos os seus, desde as margens do Tapajós até a terra que busca a paz e tranquilidade.

2.3 CONTRATES E SEMELHANÇAS EM “O GUARANI” E “GUERRA DA CABANAGEM - HERÓIS ESQUECIDOS”.

A análise da representação sobre o índio como herói na construção dos autores de José de Alencar e Ademar Gruber, nas obras “O Guarani” (1857) e “Guerra da Cabanagem - Heróis esquecidos” (2007), permitiu visualizarmos como cada autor representou o personagem no seu contexto literário.

Os romances “O Guarani” e “Heróis Esquecidos-Guerra da Cabanagem”, apontam contrastes e semelhanças, tanto na estrutura das obras, quanto na construção do enredo como em seus protagonistas. Nota-se ainda, que os dois autores produzem de maneira distintas, cenas e cenários, linguagem, tempo e espaço.

Os percussores desta temática, Alencar e Gruber, adotaram o nativo como o herói de seus feitos.

O índio de Jose de Alencar vai desempenhar um papel fundamental na cultura dos brasileiros, porque o índio dele entra em íntima comunhão com o colonizador. Enquanto, Ademar Gruber, destaca em sua narrativa a bravura do índio guerreiro, ligado a seus costumes e vida natural, além de preservar a sua honra. O narrador, assim, é responsável pelas relações estabelecidas entre o discurso citado e o universo narrativo de sua própria enunciação.

No decorrer das narrativas, é expressado a coragem, honra e inteligência, sendo atribuído as qualidades e de valores coletivos que identificam o nacionalismo. Percebe-se durante a narrativa de Alencar, como Peri dominou animais selvagens ao tentar salvar Cecília, na batalha contra os inimigos de D. Antônio de Mariz. E em Gruber, o combate entre os brancos e os traidores mundurucus. É hora de buscar a justiça, o respeito e a igualdade mesmo que isso tenha custado muitas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A propositura deste trabalho configura-se em seu aspecto histórico-cultural e literário, buscando fortalecer a valorização histórica e lançar olhares para o conhecimento da literatura regional, possibilitando termos uma visão mais geral da figura do índio como principal personagem para a construção tanto de uma literatura totalmente brasileira quanto da identidade nacional e regional.

É relevante que novos estudos sejam desenvolvidos, visto que os escritores regionais passam a produzir uma série de contos, romances, ensaios que merecem ser produtos de pesquisas, para que novas concepções possam contribuir para a Literatura Brasileira.

Das correntes que contribuíram para a formação do movimento romântico, o indianismo é certamente uma das mais decisivas e características, e por isso mesmo tem sido objeto de muitos estudos acadêmicos, nas áreas de letras, história, antropologia.

O resultado esperado através desta pesquisa é encontrar relações entre os autores, abordando aspectos singulares por meio da comparação da figura do índio como heróis nos respectivos romances. Nesse sentido, é preciosa a contribuição das obras propostas, justamente para resgatar visões literárias do ameríndio mais ou menos esquecidas, em decorrência do brilho e da notoriedade alcançadas pelas obras românticas indianistas que assinalariam o século XIX, e conseqüentemente até a atualidade.

Além da análise das obras, os resultados aqui expostos são frutos de uma intensa pesquisa bibliográfica em sites, livros e artigos. No trabalho investigativo de levantamento bibliográficos notou-se uma vasta produção literária a respeito da obra “O Guarani”. Quanto a obra de Gruber, poucas informações foram encontradas, porém não limitou que as análises pudessem ser realizadas.

Portanto, tal pesquisa possibilitou a relação que autores possuem em produzir suas obras. É possível perceber que os textos do século XXI analisados continuam dialogando com o discurso indianista romântico, confirmando a importância da obra de Alencar como marco inicial da movimentação do olhar literário em direção aos primeiros habitantes deste território.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de, 1829-1877. **O Guarani**/ José de Alencar. - - 1º ed. São Paulo: Saraiva, 2009. - - (Clássicos Saraiva)

BARBOSA, Frederico. **Literatura e Cultura Brasileira**. Curitiba. IESDE Brasil S.A., 2008, p. 97-106. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Itatiaia 1997. v.II.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaios sobre a relação do corpo como espírito**. Tradução de Paulo Neves. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. 3ª. ed. 1 –reimpressão, 1992.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1977.

CANDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 8.ed. 1997

CANDIDO, Antônio. **Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes**. 3ª ed. – São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

CANDIDO, A. "A Literatura e a formação do homem" in *Revista de Cultura e Ciência*, nº 24. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais. 1972.

CARVALHAL, Tânia Franco, **Literatura comparada** / Tânia Franco Carvalhal. - 4.ed. rev. e ampliada. - São Paulo: Ática, 2006.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. São Paulo: 6 ed. rev. Global. 2002.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FARACO, Raphael. **Maués – Terra, gente e memória**. / Raphael Faraco. Manaus: Editora Valer, 2006. 238p.

FREITAS, Maria Teresa de. **Literatura e história**. São Paulo: Atual, 1986.

FREYRE, Gilberto. **Vida, forma e cor**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

GRUBER, Ademar Xico. **Guerra da Cabanagem – Heróis Esquecidos**. 1ª Ed. Editora Kazuá. 2007

HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. 26.ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

MARTINS, Eduardo Vieira. **Lugar comum: a descrição da natureza em José de Alencar**. In: **ARRUDA**, G.; **TORRES**, David V.; **ZUPPA**, G. (Orgs.). **Natureza na América Latina: apropriações e representações**. Londrina: Ed. UEL, 2001, p. 98.

MARTINS, Luciana de Lima. **História, Literatura e Memória: reflexões sobre a Grande Guerra**. (1914-1918) / Luciana de Lima Martins. – João Pessoa, 2008. 100 p.

RONCARI, L. **Literatura Brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos**. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2002.

SANTOS, Lao. O percurso da indianidade na literatura brasileira: matizes da figuração [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

SODRÉ, N. W. História da Literatura Brasileira: seus fundamentos econômicos. 6.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da Literatura Brasileira. 10 ed., Rio de Janeiro: Graphia, 2004.

STEGAGNO PICCHIO, Luciana. História da literatura brasileira/ Luciana Stegagno-Picchio – 2. ed.rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004. 744 p:. – (Biblioteca luso-brasileira. Série Brasileira)